A LAVADEIRA

Ana Vaneska Almeida*

Ela usava uma tala que se estendia do calcanhar à panturrilha. Era um pedaço de feltro amordaçado num corpo encardido em peregrinações. A ligadura parecia sustentar o corpo que inclinava cair, que a Terra chamava, mas que não cedia. Tronco firme, acostumado a enfurecidas ventanias, acostumado em desfazer as dificuldades do cotidiano, a “dar nó em pingo d’ água”. Soube eu que aquele desvio na base esquerda fora resultado das rotas da vida que não lhe foram fáceis de guiar. Fazia muitas diligências, a labor e a pé, em lugares da metrópole que ainda não haviam sido privilegiados pelos benefícios do progresso. Esse que com mais afinco atendia a outra parte na qual as pessoas andavam muito menos que ela, visto que tirando chinfras em motorizados de última geração. Percalços de uma nação!

Uma vez, disse-me que caminhou da Liberdade até a Rodoviária. *Urgência de entrega*, e quase sempre não sobrava troco para o coletivo. Bem, ela andava à antiga. Cursava de chinela de borracha. Sucessivas vezes com o guarda-roupa de alguém sobre a miola, esmerava-se vielas adentro. Aquele peso de peças sujas penetrava-lhe o destino. Tinha cheiro de mofo, a sua vida. Trazia consigo a alma de mulheres densas. Ou seria as almas de mulheres densas que a traziam contínua e história? “Densas densa, Densa densas.” Densidade dos engenhos de cana-de-açúcar, da parte mais moída do engenho, aquela na qual eram moídas não as canas, mas a gente que as moía. Concluía-se lavadeira de bairro em mãos moídas pelo ofício, descoradas em sabão e vidas; vidas sua e as que não lhe pertenciam; todavia, que através das trouxas vinham, consigo, fazer unidade.

Parecia ter umas cinqüenta existências, mas deveria ter de trinta e sete a umas quarenta. Não apenas suas mãos estavam sem juventude. Seu corpo era sua biografia. Uma fonte confiável. A ser lida.

Vi-a, certa vez, descendo a ladeira de vermelhidão seca que dava para a fonte. Uma saia branca meio bege e uma camisa ‘de longe’ verde, um verde bem longe, compunham suas vestes consumidas. Encerrada estava num turbante vermelho. Costumava eu ir lá para banhar-me, e ela para banhar os pertences dos que lhe pagavam. *Olá!*, conhecida por muitos nas redondezas. Depois... nunca mais a vi. Custei saber dela até que, por olhos vizinhos, uma boca veio contar-me a passagem da tal mulher.

Disseram-me ter sucedido num dia de semana. No meio da semana, se me recordo numa quinta-feira. No horário, serei mais específica quando: no crepúsculo. Porque imagino o dia, vejo-o um dia de sol. Aquele verão presente na vida dos que saem cedo para trabalhar, dos que passam o dia com o sistema sobre suas faces, queimando-lhes a juventude até o anoitecer. Deve ter feito um sol desse. Já o abrandar-se do astro, o momento e a decadência, deve ter sido mesclado em magenta, abóbora, lilás e marfim. Deve ter sido daquele tipo de pôr que sou incapaz de descrever, pois esse tipo, quando o vejo fico nele retida em contemplação, e essa beleza perde-se numa parte de mim que consigo acessar apenas quando no sonho ou quando elevo-me a um estado de consciência mais sutil. O que não é o caso agora! Supondo ter sido um dia de sol forte, supondo ter sido um dia forte, ela deve ter chegado lá com o rosto rubro de calor e cansaço. Deve ter-se agachado e se aliviado do lombo que trazia sobre a cabeça. Deve ter-lhe aberto e tirado-lhe peça por peça para limpar. Ou talvez nem tenha tido tempo para desamarrá-lo! O certo mesmo é que não teve tempo. Tempo de acomodar-se. Tempo de desenvolver o seu invólucro. Não, não teve tempo.

Estando na fonte, foi surpreendida. Da fonte saía uma água de lençóis subterrâneos. Água transparente acobreado era a de lá. Ao redor, e sobre, havia muitas árvores, vestígios da Mata Atlântica, vestígios da humildade que revestia a comunidade local. Quando anoitecia as árvores envolviam-no em mistério. Também em falta de recursos, uma vez que sem a claridade do dia como fazer para enxergar, transitar, lavar, lavar o ofício? Sobretudo, porque a pobreza comum às pessoas do lugar não lhes permitia iluminação, e em toda vigília a alvura das águas da nascente transformava-se em breu. Todavia, não havia escolha, provavelmente teria que confiar a trouxa ao seu dono logo no dia seguinte, e podia estar contando com o vento frio e notívago para secar-lhe. Ou, podia simplesmente nesse dia, apenas ter ido molhar-se. Mas o certo é que lhe faltou espaço. Espaço para limpar. Espaço para limpar-se. Espaço... foi surpreendida por um sujeito!

O rosto do indivíduo não importa. O que lhe trouxe marcas, o que lhe fez marcas, foram as suas intenções. A mim, que também sou mulher, é árduo imaginar os traços de tal criatura, pois a nós que somos propensas mães, o que seria se imaginássemos e víssemos os nossos traços e os de nossos filhos e os de tantos filhos que herdaram os traços da violência da

margem da miséria? O que seria se imaginássemos os traços dessa criatura e, por compreender como foram traçados, os nossos e os deles, passássemos a amá-lo como toda mãe tende a amar um filho, ainda que este seja um degenerado? Por isso, e tão-somente por isso, nego-me a imaginá-lo, nego-me às feições desse homem. Ela também negou-se aos seus contornos. Negou-se. Porém, para ela não houve escolhas tão elaboradas.

Em força e punho agarrou-a, por detrás arrastou-lhe, nos cabelos esticou-a e, como a um cabo prendeu-a em seus membros de macho. Se fossem outros animais, daqueles que não possuem vícios, daqueles que são selvagens por vivência da natureza, poder-se-ia dizer que estavam, ela no cio, e ele tomado do instinto sadio ao ato da reprodução. Entretanto, ela, apesar de fêmea, era uma mulher que costumava ter pudores e que estava 'naqueles dias', que apesar dos absorventes, derramavam. E ele, ainda que macho, antes de tudo, era um homem. Tratava-se de um homem! Sociopático. Um homem agressivo para o qual não houve recepções, para o qual não fora doado o poder. Sentindo o cheiro, foi tomado pelo ato. Violência interiorizada na própria organização da sociedade, inata a qualquer parte que dela tenha se originado, que nela movimentou-se, que a tomou como princípio básico, que a devolveu em continuidade. Aquele ato não foi sadio à espécie, não foi sadio a ela, foi um descarrego dele sobre a humanidade.

O sangue do ventre foi-se. Misturando-se ao seu corpo invadido, ao sangue dos seios machucados, ao sujo em sua saia, ao que ele tinha em seu corpo, ao sangue de outras, ao que escorria invisível da sua alma de mulher arrebatada. Imagino que tenha querido banhar-se naquele horário inoportuno, o qual já se apagava, para lavar-se do sangue próprio 'daqueles dias'.

Soube que ele lhe fez muito mal. Durante a noite, na escuridão, tirou-a da fonte e a levou para o cume, para a mata alta que cercava os arredores, o cerco da invasão onde moravam. Ele era seu vizinho. Foragido, escondera-se na vastidão das árvores silvestres. Errante, ficara ali arrebóis e extensões que se rompiam esperando acalmar a procura de suas infrações. A polícia vasculhava o subúrbio, mantinha-o em suas expectativas, e se o encontrasse... ah, se o encontrasse... Escondera-se ali em seus domínios. E ali em seus domínios, que também eram os dela, já haviam se encontrado diversas ocasiões na fonte, lavrando a sobrevivência, ou quando não, no rompante do dia - ela saindo em diligência às entregas diárias, e ele voltando, ainda noturno, do tudo para o qual havia se entregado na obscuridade de sua condição marginal. Algumas vezes toparam-se também lá na venda - ela a comprar utensílios do ofício e ele instrumento excedido da herança de seus antepassados. Gostava de beber o tal homem. Legado a desgraçá-lo, assim como fez com muitos desgraçados antes dele, com muitos do mesmo modo dele, e com muitos que seriam, como ele, alambiques em sua origem. Fazendo-lhe muito mal em seu corpo de dentro, ele também a devastou por fora, sobre o chão das cercanias, na mata. Ao abastar-se, a liberou. Deixou-a partir e, partida, jogou-a do topo do barranco.

Ela não morreu. O dia raiando, despedaçada, destroços e estima rasgada, seguiu ao lar. Quando ele a empurrou do alto, quando a fez declinar em sua raça de mulher mista que vence a vida, embaixo, no chão da fonte, ela levantou-se e rumou para casa. Não era casada, e hoje se é, não sei. Morava com sobrinhos, filhos órfãos de circunstâncias várias e adversas. Quem a viu no estado de defloração perder mais uma virgindade, a viu murcha e maculada de sangue seco em suas entranhas misturado à semente estragada. Parecia que tinham lhe vingado a alma. Algum retorno da vida que não se sabe da onde. Havia um diálogo com Deus em suas linhas. Difícil de ser lido. Muito interno. Sofria com a sua Madona.

Não se notara o deleite das que oferecem sua seiva ao amado, nem a candura ingênua do sentimento, não; nem o envaidecimento da reputação... não sorria. E tinha cabisbaixo o olhar. Acenava resignação num foco entre as pernas. Salvava-se. Curava-se. Aliviava suas varizes férvidas, membros que dilatavam num ir e vir inchados. E, latejando, ouvia-se em sua voz uma oração apenas - *sei quem foi...* - cada vez mais intensa, cada vez mais consciente da dor que lhe invadia - *sei quem foi, sei quem foi... sei... sei... quem... sei quem...*, sua voz num rompante, sua voz extinguindo-se, sua voz... sua voz como um eco.

A parentela acudiu-a e, com repugnância, diziam-lhe precisar dar queixa do abuso. Ela acreditava não poder fazer, pois ele havia lhe dito que se o fizesse retornaria e, desta vez lhe deixaria marcas mais profundas na existência. Tiraria-lhe a própria.

Após e, desde então, lamparinas assiduamente são acesas ao declinar do dia no chafariz. Aos transeuntes. Aos cuidados dos que trabalham até tarde, dos que chegam em casa após o sol, dos que só podem banhar-se à noite. Acendem-nas ao cortejo da labuta.

Ainda vive, porque sei que ainda preenche a sua história e a dos sobrinhos com a fadiga dos bem-passados trocos a cada dia, multiplicando-se aos sulcos do esforço na sua face, na tenacidade esmorecida da pele. A cada dia, aparentando ter mais do que tem, apesar de possuir tão pouco, apesar de tanta suficiência.

Já o homem não se sabe qual o fim; é hábito andar sumido.

Quem me contou o que agora lhes passo, proveu-me também dessas atuais informações, de como a dificuldade ainda permeia aquelas margens. Ainda anda carregando guarda-roupas de muitos terrenos, mas o da minha casa não mais. Já não me carrega mais. Também mudei de ponto e, para mim, tornou-se distante banhar-me naquelas águas. Águas daquela fonte maldita que limpava as minhas roupas.